



A Hospitalidade Urbana da Rua São Bento

Pesquisadora: Valéria de Souza Ferraz
Doutoranda FAUUSP – Área: Planejamento Urbano e Regional
e-mail: valferraz@yahoo.com
Temática: Turismo, produção e consumo do lugar

RESUMO

O aumento significativo do setor terciário nas grandes cidades dos países em desenvolvimento estimulou a elaboração desse artigo. A fim de investigar *estratégias de ação* que ruas comerciais utilizam para serem mais atrativas e competitivas dentro da economia globalizada, foram estudadas relações entre forma e função urbanas de uma das ruas comerciais mais tradicionais de São Paulo com base nas categorias de análise da *hospitalidade urbana* e através das relações de troca que o comércio estabelece tanto com as pessoas quanto com o usufruto do espaço público.

Palavras-chave: Hospitalidade; Comércio; Megacidades.

PROBLEMÁTICA

Tidas como a nova forma espacial que se desenvolve no contexto geográfico e social dentro da nova dinâmica econômica global e da sociedade informacional ou sociedade em rede¹, as megacidades são aglomerações enormes de seres humanos, com mais de 10 milhões de habitantes segundo a classificação da ONU, que vem se desenvolvendo principalmente em países em desenvolvimento.

Segundo Santos (2008) essa quantidade de grandes cidades no então chamado 'Terceiro Mundo' se explica pela forma como as forças produtivas se desenvolveram nesses países durante o período da acumulação flexível², ou seja, como a concentração de instrumentos de trabalho e de meios de produção mais moderna se deu em certos pontos do território, ao mesmo tempo em que o consumo se expandiu a galope ao longo de todo o país.

¹ Segundo Castells (2000) a sociedade em rede está baseada no paradigma econômico-tecnológico da informação que se traduz, não apenas em novas práticas sociais, mas em alterações da própria vivência do espaço e do tempo como parâmetros da experiência.

² Para Harvey (2005) a acumulação flexível se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo.



O setor terciário, definido como aquele que incorpora atividades que não produzem nem modificam objetos físicos (produtos ou mercadorias), nunca esteve tão ativo em relação à renda nas grandes cidades de países em desenvolvimento. Como nos diz Harvey (2005: 140):

A acumulação flexível envolve rápidas mudanças nos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado “setor de serviços”.

Incorporando uma série de novas atividades, com destaque para o turismo e o lazer, o comércio é parte integrante do terciário e faz o pano de fundo para as atividades da nova dinâmica globalizada, além de ajudar a dinamizar a economia local e possibilitar a comercialização e a divulgação de produtos especializados, típicos de cada região, reforçando assim as práticas específicas de cada lugar (VARGAS, 2001:43).

O fato das grandes cidades terem-se tornado os centros, por excelência, da produção e do consumo, faz delas também os grandes centros de distribuição e os grandes nós da circulação. Elas concentram o comércio atacadista interno, além do comércio de exportação e importação. Segundo Santos (2008:71):

freqüentemente, a maior cidade de um país subdesenvolvido comercializa uma parcela da produção alimentar que é bem maior que o seu consumo. E isso, além de contribuir para aumentar a dimensão financeira das firmas interessadas, dá-lhes um controle maior sobre os preços e sobre o abastecimento, tanto na grande cidade como em cidades menores.

E, mesmo que o comércio esteja sujeito a oscilações da oferta, desde que o preço abaixe, essas perdas são facilmente absorvidas por uma população numerosa e carente. É desse modo que os grandes comerciantes podem escoar os possíveis excedentes, sem conhecer a queda de lucro, pois o maior volume comercializado compensa a relativa baixa de preço. Contudo, esse mecanismo só funciona nas grandes cidades, graças, de um lado, à dimensão das firmas e, de outro, ao tamanho da população, cujo acesso ao consumo varia em função da renda disponível e do preço do bem oferecido. De toda maneira, verifica-se um mecanismo de aceleração do crescimento urbano nas grandes cidades, em detrimento de outras aglomerações da rede urbana nacional.



Mas a hierarquia na sociedade em rede não é de forma alguma garantida ou estável e está sujeita a concorrência acirrada entre as cidades, bem como a aventura de investimentos de alto risco em finanças e bens imobiliários. Segundo Castells (2001: 474) “há uma montanha-russa em diferentes períodos nas diversas áreas do mundo que ilustra a dependência e a vulnerabilidade de qualquer local em relação aos fluxos globais em transformação”.

OBJETIVOS

Partindo da premissa de que as atividades comerciais de megacidades estabelecem redes de cooperação entre as instituições regionais e locais e tem um peso significativo na dinâmica econômica, e do entendimento de que essas cidades estão constantemente adotando estratégias competitivas para atrair empresas, investidores e turistas, tem-se como objetivo principal identificar aspectos físicos e funcionais de uma das ruas comerciais mais tradicionais de São Paulo que dão suporte a hospitalidade e a atratividade do lugar.

Definida como o ato humano exercido em contexto doméstico, público ou profissional de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat, a hospitalidade atua em diversos campos: turismo, comunicação, urbanismo, nutrição e meio ambiente. E, apesar de ser freqüentemente vinculada ao campo do turismo, além dos negociantes, dos viajantes e dos turistas, também são elementos constituintes da história da hospitalidade as ruas, as praças, os monumentos de uma cidade e a população que nela habita (DENCKER, 2003).

Tida como uma relação especializada entre aquele que recebe e aquele que é recebido, o morador ou o visitante, de modo quase intuitivo, percorre os espaços que constroem a forma urbana e é submetido a um número infinito de percepções, de situações e de processos importantes de informações que lhe são impostos por elementos tangíveis e intangíveis e que o envolvem e o induzem a comportamentos hospitaleiros, ou não, caracterizados num espaço.

As práticas de hospitalidade urbana devem permitir ao mesmo tempo salvaguardar o direito à privacidade e à intimidade através de espaços físicos fechados e potencializar a socialização dos indivíduos separados por meio do desenho urbano. Contudo, a diminuição da relação espaço público/espaço privado inviabiliza os tradicionais espaços de encontro,



prejudicando a vida urbana e colocando em risco a emergência e a consolidação dos laços sociais.

As práticas da hospitalidade contribuem decisivamente para dar uma configuração antropológica aos chamados não-lugares potencializando a humanização de espaços de trânsito como estações de trem, aeroportos, hotéis, cafés, centros comerciais, parques, praças públicas e todos os outros territórios onde todos os dias se cruzam, na riqueza da sua diversidade e pluralidade, os destinos individuais (BAPTISTA In DIAS, 2002:162).

A idéia de uma cidade hospitaleira para Dias (2002) está vinculada ao conceito de urbanidade, associado por Jacobs (2003) à relação dinâmica entre as atividades urbanas cotidianas com o espaço público e por Borja (1997) a máxima oportunidade de mobilidade, diversidade de atividades e oportunidades e ofertas culturais e de consumo. Segundo Grinover (2007), uma 'cidade hospitaleira' deve ter seus processos sociais, demográficos, econômicos, culturais, históricos, ambientais e políticos consubstanciados na *acessibilidade, legibilidade e identidade*.

A *acessibilidade* expressa a facilidade (ou o potencial de oportunidades) com que um indivíduo pode alcançar atividades espacialmente separadas de que deseja participar, a partir de um determinado local, via um sistema de transporte ou através de deslocamentos a pé. Desta forma, a *acessibilidade* pode determinar a mobilidade e a circulação espacial tanto no sistema viário quanto na distribuição das atividades urbanas.

Para que a visão sobre uma fração urbana, num primeiro momento, seja positiva, é preciso que haja *legibilidade* que, segundo Lynch (1997) significa a facilidade com a qual as partes da cidade podem ser visualmente apreendidas, reconhecidas e organizadas de acordo com um esquema coerente.

Entende-se por identidade algo formado ao longo do tempo, representado pelo 'saber fazer', pela tradição, por uma comida típica, ou mesmo por ícones da arquitetura, pelo traçado das ruas etc.

PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

Partindo do princípio que a Rua São Bento, no Centro Antigo de São Paulo, apresenta elementos e estruturas que lhe conferem o estado de 'lugar hospitaleiro', a rua foi analisada



e mapeada a fim de identificar as categorias indicadas por Grinover (2007): identidade, acessibilidade e legibilidade.

História e identidade

Localizada no chamado 'Centro Velho' de São Paulo, a Rua São Bento faz parte da história da cidade. Local onde está situada uma das capelas mais antigas do Brasil pertencente aos monges beneditinos que chegaram a São Paulo em 1598, o Mosteiro São Bento já foi palco de grande eventos nacionais e internacionais e é um dos marcos urbanos paulistanos.

O chamado 'triângulo' formado pelas ruas fundadoras da cidade: Direita, 15 de Novembro e São Bento concentravam a ferveção populacional e comercial de São Paulo do início do século XX. Na outra extremidade da rua, no Largo São Francisco estão localizadas outras importantes edificações: o convento e a igreja de São Francisco, a FECAP (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado) e a mais antiga instituição de ensino superior, a Faculdade de Direito criada em agosto de 1827.

Acessibilidade

A Praça Antonio Prado foi aberta no século XVII, por ocasião da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e passou a ser considerada o 'coração da cidade' pois abrigava as lojas e confeitarias de luxo onde se reuniam os rapazes e moças elegantes da cidade. Além disso, a praça era ponto de partida ou de passagem da maioria das linhas de bonde.

Com boa localização, a Rua São Bento é cercada por vias, pontes e avenidas conhecidas da cidade de São Paulo. Tidos como mais marcos urbanos paulistanos, os viadutos de Santa Efigênia e do Chá também são sempre associados à Rua São Bento pela sua proximidade (Figura 1). Construído 1913 de estrutura metálica, o viaduto Santa Efigênia é uma dos lugares mais conhecidos do Brasil para se comprar aparelhos eletrônicos e o Viaduto do Chá, primeiro de São Paulo inaugurado em 1892, está localizado na frente da Praça do Patriarca ao lado de importantes edificações, como o edifício que abriga a sede de Prefeitura Municipal de São Paulo e o Teatro Municipal. A rua também apresenta acesso ao metrô, através da estação São Bento – linha azul.



Figura 1 - Acessibilidade à Rua São Bento - Fonte: Valéria Ferraz, 2008.

Legibilidade

A Rua São Bento é servida de várias praças e espaços públicos abertos que permitem uma maior legibilidade ao local. A Praça Antonio Prado, com seus quiosques e bares, o Largo do Comércio com o prédio da Bovespa, a Praça Patriarca com sua marquise e o Largo São Francisco com seus bancos e jardins (Figuras 2 e 3).

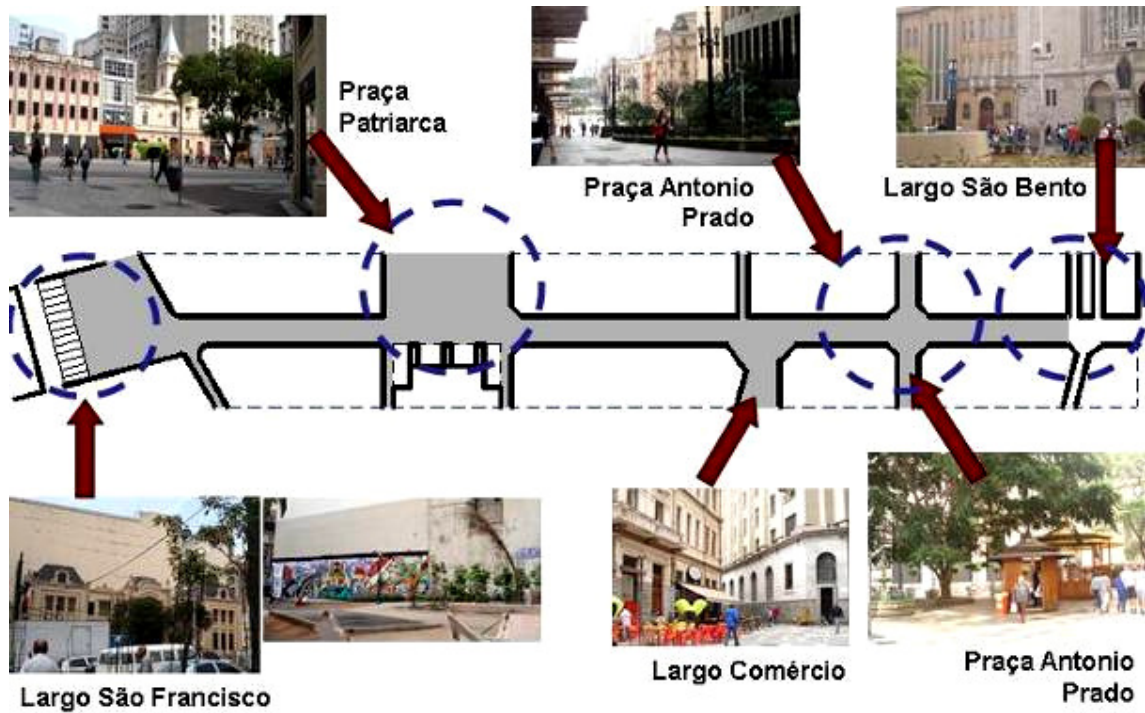


Figura 2 - Legibilidade da Rua São Bento – Espaços públicos abertos - Fonte: Valéria Ferraz, 2008.

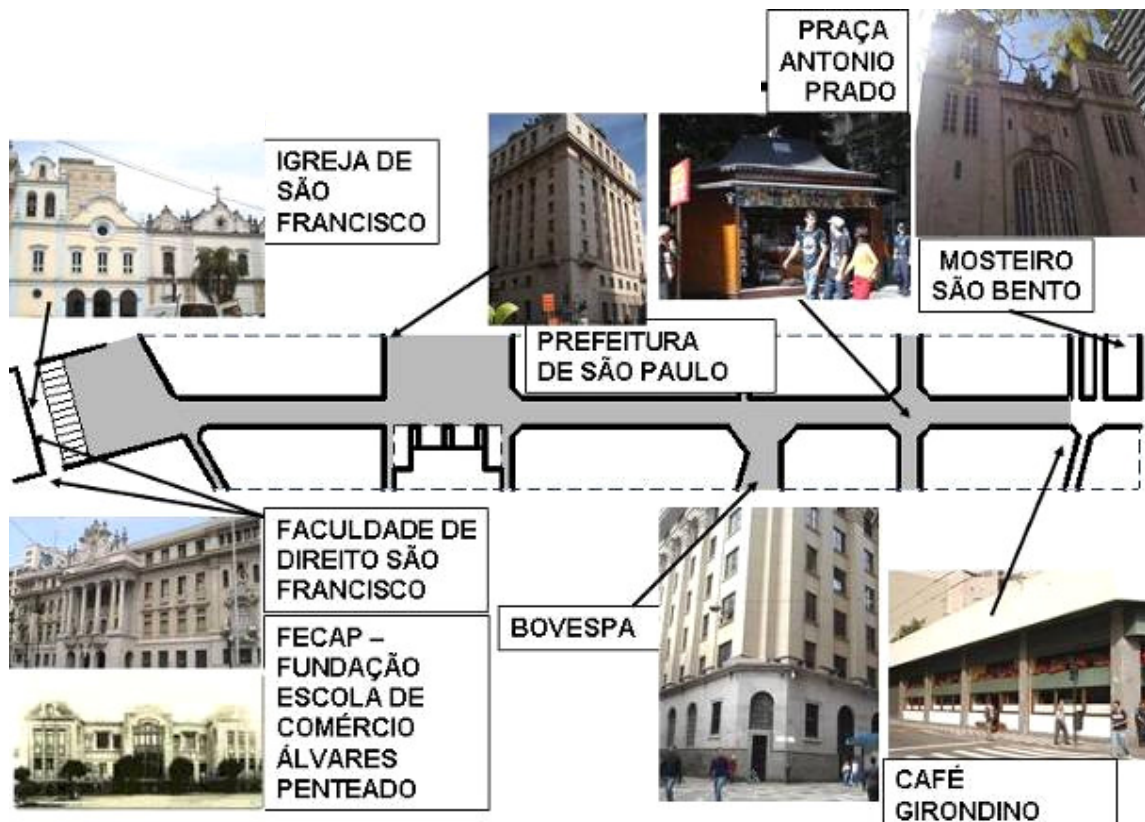


Figura 3 – Pontos de referência da Rua São Bento - Fonte: Valéria Ferraz, 2008.



O comércio da Rua São Bento

Com um comércio tradicional de compras bem estruturado, a Rua São Bento tem lojas diversificadas que vão desde lojas de roupas e sapatos à lojas de equipamentos médicos e hospitalares. Entre lojas de roupa destacam-se: TNT, Barred's, Marisa, Collins, 775, Cavalaria, Garbo e Colombo. Para sapatos: World Tennis, Pregó e Via UNO. Dentre as lanchonetes ou lugares para alimentação estão o Mac Donald's e Girafa's, e a Cacau Show para doces, além do Café Girondino e o bar Salve Jorge.

Dentre as livrarias destacam-se a Saraiva e Martins Editora. A Rua São Bento ainda apresenta outras lojas bem conhecidas como Fotóptica, lojas de vendas de celulares da Tim e Claro, lojas Marabrás, o Boticário, Drogão, Americana's Express, Extra Eletro e os diversos bancos como Banco do Brasil, Itaú, Bradesco, Unibanco e Caixa Econômica Federal. Nas proximidades da Bovespa é possível encontrar várias financeiras entre elas: Fininvest, Losango, Finasa etc.

Contudo, esse mesmo comércio que é tão hospitaleiro durante o dia, se torna hostil durante a noite e nos finais de semana, ou seja, quando não está aberto. Acredita-se que isso ocorra em função do tipo de interface entre edifício e espaço público, onde as fachadas das lojas têm um tipo de abertura que permite uma integração quase que total com a rua no período comercial, mas que durante a noite (ou fora do período comercial) não permite nenhum tipo de integração.

Quando as portas do comércio da Rua São Bento se fecham, a rua se torna um corredor escuro cercado por fachadas que parecem muros cegos, aumentando a sensação de medo e insegurança e acabando com sua hospitalidade.

A origem do mercado surgiu com a necessidade do encontro para troca de mercadorias. Inicialmente realizados em espaços abertos e públicos, os mercados eram locais que tinham um papel importante não só na atividade econômica das cidades, mas principalmente na vida social. Entre eles podemos citar: o bazaar, a ágora, o fórum, as praças e feiras e as galerias.

Com o desenvolvimento da atividade, desencadeado pelas exigências das novas formas de produção e técnicas de venda, o formato desses locais de troca se transformou para o que é conhecido hoje como *loja*, um módulo mínimo, individual, uma espécie de evolução das



pequenas tendas e barracas que “continua a ter uma relação muito forte com o espaço aberto e público, isto é, com a rua” (VARGAS, 2001:97).

Os espaços varejistas, não planejados, ao utilizarem o espaço público devem ser acessíveis e capazes de fazer interagir moradores, visitantes, trabalhadores e turistas. Dependendo da sua localização, da sua diversidade de produtos e serviços, de sua arquitetura e de sua história, algumas ruas acabam se tornando conhecidas e referenciadas pela população. Além disso, o comércio varejista necessita da rua e da calçada para sua estratégia de venda, mantendo assim uma relação direta com o espaço público e incorporando o território como espaço de convivência, já que, como nos diz Grinover (2007:32), é particularmente:

o espaço urbano, suas estruturas e infra-estruturas, a arquitetura da cidade, que se identifica com objetos de estudos mais interessantes na estruturação e organização do acolhimento, dos meios de deslocamentos, dos lugares de repouso, dos parques e jardins, dos monumentos e de tudo aquilo que pode tornar agradável a permanência, e onde todos esses elementos de análise contribuem para tornar a cidade hospitaleira.

A interface espaço público/privado, percebida a partir dos limites físicos ou simbólicos no ambiente urbano, dá a impressão de funcionar como ‘portal de ajuda’ em casos de emergência, ou estimular ações criminosas. As aberturas nas fachadas permitem um contato visual com o lado interno da edificação e podem contribuir para gerar uma sensação de acolhimento e bem estar. Já os muros opacos ou as paredes cegas transmitem uma impressão de insegurança ao pedestre.

METODOLOGIA

Acreditando que estratégias preventivas ou corretivas no desenho urbano, associadas a ações de ordem funcional (como uso do solo e horário de funcionamento do comércio) podem contribuir para a redução da sensação de vulnerabilidade e aumentar a atratividade e a hospitalidade urbana de uma região, desenvolveu-se um estudo sobre *permeabilidade visual* na Rua São Bento.

Para tanto utilizou-se categorias de interface edifícios/espaço público (tanto no horário comercial quanto fora dele), em princípios morfológicos do campo metodológico do *Situation Crime Prevention* – SCP, que buscou, em grande medida, na noção de *territorialidade* e de *espaço defensável* em Newman (1973). A partir do SCP outros estudos sobre a vulnerabilidade a ações criminosas e ao comportamento anti-social foram gerados. *Safer*

Places – The Planning System and Crime Prevention é um exemplo de documento que contém diretrizes para prevenção de criminalidade.

A Figura 4 mostra um corredor longo e sujo com fachadas formadas por paredes cegas que estimulam sensações de medo e insegurança.



Figura 4: Corredor de paredes cegas com lixo exposto: um exemplo de um local apropriado ao crime ou à ações anti-sociais. Fonte: Safer Places

A Figura 5 representa um atributo morfológico que pode inibir ou dificultar impressões relacionadas ao medo e a insegurança. Com ampla *visibilidade*, a janela abaixo representada estimula a sensação de co-presença, diminuindo a barreira visual entre os espaços público e privado, permitindo uma maior *vigilância* das ruas por parte dos moradores.

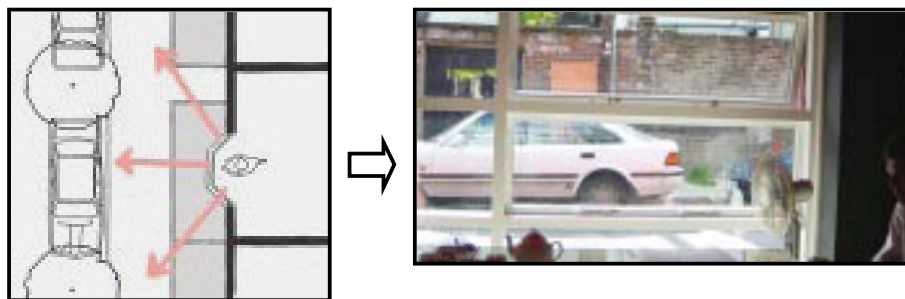


Figura 5: Tipo de janela que permite uma ampla *visibilidade*. Fonte: Safer Places.

Já na Figura 6 é possível verificar uma situação onde certos atributos físicos (janelas de vidro com visibilidade interna), somados a atributos funcionais (diversidade de atividades no mesmo edifício), transmitem sensações de *movimento* e estimulam a vigilância do local através dos próprios frequentadores.



Figura 6: Ex. de *vigilância* e *movimento*: um local com mesas no espaço público que pode incentivar o *movimento* e estimular a segurança através “dos olhos na rua”. Fonte: Safer Places.

PERMEABILIDADE VISUAL NA RUA SÃO BENTO - ESTUDO DAS FRONTARIAS

Foram identificadas variáveis morfológicas e de ordem físico-funcional da Rua São Bento através de sete categorias. Para a categoria PORTA (Figura 7), entende-se que na fachada examinada o tipo de abertura para a rua é feito apenas através de portas, e para a categoria JANELA (Figura 8), a única forma de abertura da edificação se dá por meio de janelas.



Figura 7: Exemplo de edificação com abertura tipo PORTA. Fonte: Ferraz, 2008.



Figura 8: Exemplo de edificação com abertura tipo JANELA. Fonte: Ferraz, 2008.

Quando a fachada dispõe de portas e janelas, esta se encaixa na categoria PORTA + JANELA (Figura 9). Entende-se por categoria FRONTARIA ATIVA (Figura 10) os tipos de edificações que apresentam em suas fachadas aberturas que permitem um acesso fácil e

rápido, normalmente associadas ao tipo ‘portas de enrolar’, aumentando a dinâmica ao local o dia todo.



Figura 9: Exemplo de edificação com abertura tipo PORTA + JANELA. (Praça Patriarca). Fonte: Ferraz, 2008.



Figura 10: Exemplo de edificação com abertura tipo FRONTARIA ATIVA. (Rua São Bento). Fonte: Ferraz, 2008.

Porém, quando estes estabelecimentos são vinculados a usos comerciais e de serviço permitem uma dinâmica enquanto abertos e passam para a categoria FRONTARIA CEGA (sem nenhum contato visual com o interior da edificação – como um muro cego), impedindo qualquer contato visual com o interior das edificações.

Como a Rua São Bento possui imóveis fechados que apresentam em suas tipologias as características de imóveis com FRONTARIAS ATIVAS, achou-se necessário acrescentar a categoria FRONTARIA ATIVA FECHADA para as edificações que podem ser reabertas a qualquer momento (Figura 11). Edificações que apresentam o tipo de abertura MURO TRANSLÚCIDO (Figura 12) refere-se a algum tipo de barreira que permite visibilidade para a parte do recuo frontal ou lateral da edificação.



Figura 11: Exemplo de edificação com abertura tipo FRONTARIA ATIVA FECHADA. Fonte: Ferraz, 2008.



Figura 12: Exemplo de edificação com abertura tipo MURO TRANSLÚCIDO. Fonte: Ferraz, 2008.

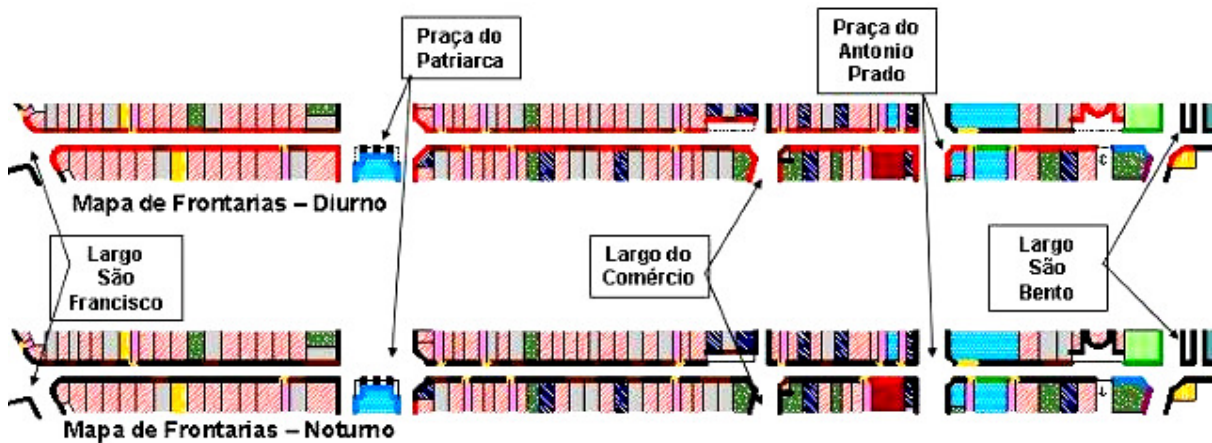
A legenda utilizada para representar estas tipologias está no quadro abaixo descrito (Figura 13).



MURO TRANSLÚCIDO

Figura 13: Legenda do Mapa de Frontarias Diurno. Fonte: Valéria Ferraz, 2009.

Por ser uma rua dominada por atividade de comércio e serviço, a Rua São Bento apresenta uma oscilação de vitalidade ao longo do dia e da noite, fato que pode ser percebido pelos mapas de FRONTARIAS (diurno e noturno) a seguir representados pela Figura 14.



Valéria Ferraz, 2009.



Figura 15: Legenda do Mapa de Usos do Solo. Fonte: Valéria Ferraz, 2009.

Os usos das edificações ao longo da área analisada são de extrema importância para identificar o horário de suas atividades e garantir a presença de pessoas circulando na região ao longo do dia e da noite. O predomínio de construções com a tipologia FRONTARIA ATIVA quando se soma ao grande número de estabelecimentos comerciais e de serviços confirma que grande parte dos tipos de abertura das construções da Rua São Bento, fora do horário comercial, se encontra completamente fechada e se tornam FRONTARIAS CEGAS, aumentando consideravelmente as sensações de medo e insegurança na área.

Através das figuras abaixo relacionadas (Figuras 16 – 19) é possível perceber a diferença de interação entre espaço público e espaço privado em algumas fachadas da Rua São Bento.



Figura 16: Exemplo de edificação com vitrine (vidro) na fachada. Fonte: Ferraz, 2008.



Figura 17: Exemplo de edificação com 'porta de enrolar' em ferro. Fonte: Ferraz, 2008.



Figura 18: Exemplos de edificações com FRONTARIA ATIVA (Rua São Bento). Fonte: Ferraz, 2008.



Figura 19: Exemplo de edificação com FRONTARIA ATIVA FECHADA (Praça Patriarca). Fonte: Ferraz, 2008.

Mesmo com edificações com FRONTARIAS ATIVAS as figuras 20 e 21 mostram exemplos de edificações que mantêm seus estabelecimentos abertos por um período maior que os estabelecimentos comerciais tradicionais (lojas) e que, portanto, conseguem interagir por um período maior com o espaço público, aumentando assim a hospitalidade urbana.





Figura 20: Exemplo de edificações com FRONTARIA ATIVA (Bares do Largo Comércio). Fonte: Ferraz, 2008.

Figura 21: Exemplo de edificação com FRONTARIA ATIVA (Bar e Restaurante do da Praça Antonio Prado). Fonte: Ferraz, 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oferecer hospitalidade é proporcionar muito mais que leito e alimento. O acolhimento é um conjunto de comportamentos e técnicas utilizadas para ter sucesso na aproximação do hóspede ou do morador, no sentido de firmar uma relação humana de qualidade que satisfaça suas curiosidades, suas necessidades e seus gostos.

Para tornar as megacidades competitivas e mantê-las sempre atraentes, este artigo procurou enfatizar a necessidade de rever a maneira com que a interface espaço público/espaço privado vem sendo empregada nas ruas comerciais tanto no aspecto físico quanto no aspecto funcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORJA, Jordi & CASTELLS, Manuel. **Local and global. The management of cities in the information age**. London: Earthscan P.L., 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume I. A era da informatização: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti ; BUENO, Marielys Siqueira. (orgs). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.
- DIAS, Celia Maria de Moraes (org.); Alain Mantondon, Antonia Marisa Canton, Célia Baptista. **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.
- GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola: 2005.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEWMAN, O. **Defensible Space: people and design in the violent city**. London: Architectural Press, 1973.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2008.



III COLÓQUIO [INTER] NACIONAL
Sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

TOWN, Stephen; DAVEY, Caroline L.; WOOTTON, Andrew. **Design Against Crime. Secure Urban Environments by Design.** Guidance for the design of residential areas. The University of Salford, UK, 2001.

VARGAS, Heliana C. **Espaço Terciário – O Lugar a Arquitetura e a Imagem do Comércio.** São Paulo: Editora Senac, 2001.